



Patriarcado, desigualdade de gênero e violência: o papel da mulher na sociedade contemporânea

Patriarchate, gender inequality and violence: the role of women in contemporary society

Aline Rodrigues Maroneze*

Resumo:

Este ensaio teórico tem como objetivo principal buscar conhecer qual o papel da mulher na sociedade contemporânea, já que ainda são negados direitos e papéis sociais às mulheres em razão exclusivamente de gênero. Dessa forma, os objetivos específicos estão estruturados em três seções trabalhadas ao longo da construção deste ensaio teórico, são eles: a) pesquisar sobre a relação entre patriarcado e capitalismo, e como isso se relaciona com as desigualdades de gênero; b) estudar, ainda que brevemente, sobre a violência contra a mulher, já que esta violência torna-se naturalizada e, praticamente invisível pelo patriarcado; e, por fim, busca-se c) compreender qual seria o papel da mulher na sociedade contemporânea, que ainda é uma sociedade de homens. Assim, a problemática de pesquisa parte do pressuposto de que em uma sociedade patriarcal e capitalista, que naturaliza a lógica de opressão-dominação dos homens sobre as mulheres, qual é o papel da mulher? A metodologia utiliza o método indutivo e a revisão bibliográfica, por livros, revistas e pela busca eletrônica por artigos científicos no Google Acadêmico e Scielo, que tenham alguma relação com a temática de pesquisa. Assim, a nossa sociedade atual é sinalizada pela desigualdade de gênero nos mais variados espaços, como social, econômico e principalmente, político. Toda essa dissemelhança nos instiga a contestar os fenômenos sociais e buscar sua transformação, especialmente no que se refere aos processos de dominação e exploração do homem sobre a mulher, presente no patriarcado.

Palavras-chave: Capitalismo. Patriarcado. Papel da mulher na sociedade contemporânea.

Abstract: This theoretical essay has as main objective to seek to know what is the role of women in contemporary society, since women are still denied social rights and roles based solely on gender. Thus, the specific objectives are structured in three sections worked along the construction of this theoretical essay, they are: a) research on the relationship between patriarchy and capitalism, and how it relates to gender inequalities; b) study, even briefly, on violence against

* Mestra em Desenvolvimento e Políticas Públicas, pela Universidade Federal da Fronteira Sul, UFFS – Campus Cerro Largo/RS. Especialista em Direito Processual Civil e Mestranda em Direito pelo Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Direito Mestrado e Doutorado, URI Campus de Santo Ângelo/RS. Bolsista CAPES/PROSUC. Contato: aline_maroneze@yahoo.com.br



women, as this violence becomes naturalized and, practically invisible by patriarchy; and, finally, it seeks to c) understand what would be the role of women in contemporary society, which is still a society of men. So, the research problem starts from the assumption that in a patriarchal and capitalist society, which naturalizes the logic of oppression-domination of men over women, what is the role of women? The methodology uses the inductive method and the bibliographic review, for books, magazines and for the electronic search for scientific articles in Google Scholar and Scielo, which have some relation with the research theme. Thus, our current society is signaled by gender inequality in the most varied spaces, such as social, economic and mainly, political. All this dissimilarity encourages us to challenge social phenomena and seek their transformation, especially with regard to the processes of domination and exploitation of men over women present in the patriarchy.

Keywords: Capitalism. Patriarchate. Women's role in contemporary society.

Introdução

A autora Silvia Federici, em seu livro “O Calibã e a Bruxa: Mulheres, Corpos e Acumulação Primitiva”¹, vem nos lembrar que toda mulher é resistência, não com a finalidade de vitimizar a mulher, mas para recordar que toda mulher PRECISA ser forte e ser luta, principalmente em uma sociedade de homens totalmente sexistas e machistas. Sim, ser mulher é resistir.

Nesse sentido, este ensaio teórico tem como objetivo principal buscar conhecer qual o papel da mulher na sociedade contemporânea, já que ainda são negados direitos e papéis sociais às mulheres em razão exclusivamente de gênero.

É verdade que o papel da mulher vem mudando ao longo da história, através de muitas lutas e mobilizações sociais, principalmente dos movimentos feministas que dão às pautas femininas a visibilidade social e política necessárias. Contudo, ainda precisamos falar do papel da mulher nesta sociedade de agora, já que continuamos sendo vítimas de violências (física, sexual, moral, verbal e patrimonial), e apesar de todas as conquistas que tivemos, a sociedade precisa ver as mulheres como sujeitas da história. Por conta disso, trabalhos com estas pautas são cada vez mais necessários e pertinentes.

A nossa sociedade atual é sinalizada pela desigualdade de gênero nos mais variados espaços, como social, econômico e principalmente, político. Toda essa dissemelhança nos instiga a contestar os fenômenos sociais e buscar sua transformação, especialmente no que se refere aos processos de dominação e exploração do homem sobre a mulher e o patriarcado.

Os questionamentos constantes, principalmente na questão de gênero, autorizam que aconteça um movimento do conhecimento. É importante termos um olhar atento às mudanças

¹ FEDERICI, Silvia. **O Calibã e a Bruxa: Mulheres, Corpos e Acumulação Primitiva**. Tradução Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017.



sociais relacionadas à temática para que, assim, possamos estar alinhando o estudo teórico com a vida prática, que é dinâmica e ativa. Por conta disso, é imprescindível alinhar os determinantes históricos com a nossa realidade atual, para que desta maneira o estudo possa compreender o modo como o patriarcalismo se introduz no capitalismo, conhecendo todas as caras desse capitalismo, que também está sempre em transformação e movimento; talvez seja por isso que perdure até os dias de hoje.

Portanto, buscar uma igualdade de gênero num sistema econômico capitalista, é uma tarefa desafiadora, porque a lógica desse sistema é a desigualdade, não somente de gênero, mas de maneira geral. Evidentemente, as mulheres são as mais prejudicadas por conta de tudo o que se construiu a respeito do feminino e do masculino ao longo do tempo, e que, de certa forma, reflete até hoje na vida das mulheres.

Nesse sentido, o presente artigo tem como objetivo geral estudar sobre o papel da mulher na sociedade contemporânea, que é patriarcal e capitalista, o que só faz acirrar ainda mais o debate, já que há um agravamento substancial no tratamento social dispendido à mulher.

Dessa forma, os objetivos específicos estão estruturados em três seções trabalhadas ao longo da construção deste ensaio teórico, são eles: a) pesquisar sobre a relação entre patriarcalismo e capitalismo, e como isso se relaciona com as desigualdades de gênero; b) estudar, ainda que brevemente, sobre a violência contra a mulher, já que esta violência torna-se naturalizada e praticamente invisível através da lógica patriarcal; e, por fim, busca-se c) compreender qual seria o papel da mulher na sociedade contemporânea, que ainda é uma sociedade de homens.

Assim, a problemática de pesquisa parte do pressuposto de que em uma sociedade patriarcal e capitalista, que naturaliza a lógica de opressão-dominância dos homens sobre as mulheres, qual é o papel da mulher?

A metodologia utiliza o método indutivo e a revisão bibliográfica, por livros, revistas e pela busca eletrônica por artigos científicos no Google Acadêmico e Scielo, que tenham alguma relação com a temática de pesquisa.

O patriarcalismo e sistema capitalista

O objetivo nesta seção é pesquisar sobre o patriarcalismo e sua relação com o capitalismo. Esse estudo é primordial porque a lógica do patriarcalismo consiste na dominação e exploração da mulher, e o capitalismo acaba por contribuir para que essa exploração se torne naturalizada e imperceptível. Também, busca-se aqui entender um pouco sobre o patriarcalismo e como ele se organiza e se reinventa, resistindo ao longo do tempo.

É importante referir que o patriarcalismo já existe antes mesmo do próprio capitalismo, já que ele tem sua origem na família. Contudo, não possuímos a pretensão de buscarmos uma data

para o surgimento do patriarcado, apenas buscamos ter presente que a lógica de dominação de homens sobre as mulheres existe antes mesmo do nascimento e consolidação do capitalismo.² Portanto, embora o capitalismo fortaleça e invisibilize essa opressão, ela não surge por conta do capitalismo, porque ela é anterior a ele.

Assim, podemos compreender que o patriarcado está ligado ao poder, devendo ser entendido também de modo político. Nesse sentido, quando falamos em patriarcado, também estamos falando sobre as relações de poder e de repressão de homens sobre as mulheres.³ O patriarcado, no entendimento de Heleieth Saffioti, acaba por se tornar uma relação hierarquizada de poder, que se fundamenta na ideologia e também na violência.⁴ Por conta disso, a violência contra a mulher acaba por tornar-se banalizada, já que se justifica para a continuidade do patriarcado e também do capitalismo.⁵

Esta afirmação pode ser facilmente comprovada através da reprodução por parte da sociedade de certas associações, como por exemplo, de que a mulher é a personificação da fragilidade e da delicadeza, e os homens correspondem à seriedade e a valentia, dentre tantas outras associações que podem ser feitas, contudo, todas elas evidenciam a força do masculino em detrimento do feminino. Assim, o patriarcalismo garante aos homens, através do domínio sobre os corpos das mulheres, a concepção da vida social e suas formas de produção. Por isso, eles estabelecem relações com elas de maneira hierarquizada, a fim de exercer controle sobre as mulheres. Então, para a lógica do patriarcado, as mulheres são meros objetos sexuais de satisfação masculina, garantidoras da produção e reprodução da força de trabalho, o que estabelece uma relação de dominação-exploração dos homens sobre as mulheres.⁶

Importante trazer os ensinamentos de Carole Pateman, quando ela trata sobre o contrato sexual, contrato este que seria instituído de maneira legal através do casamento, que garantiria o “direito” sobre o corpo da mulher, e asseguraria o direito sexual masculino e de reprodução:

A interpretação patriarcal do ‘patriarcado’ como direito paterno provocou, paradoxalmente, o ocultamento da origem da família na relação entre marido e esposa. O fato de que os homens e mulheres fazem parte de um contrato de casamento- um contrato original que institui o casamento e a família- e de que eles são maridos e esposas antes de serem pais e mães é esquecido. O direito conjugal está, assim, subsumido sob o direito paterno e as discussões sobre o patriarcado giram em torno do poder (familiar) das mães e dos pais, ocultando,

² HARTMANN, Heidi. Capitalismo, patriarcado y segregación de los empleos por sexos. In: BORUERIAS, Cristina; CARRASCO, Cristina; ALEMANY, Carmem (comp.). **Las mujeres y El trabajo: rupturas conceptuales**. Barcelona: Icaria: Fuhem, D.L., 1994 (economía crítica, 11).

³ SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, Patriarcado e Violência**. 2 ed. Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2015.

⁴ SAFFIOTI, 2015.

⁵ SAFFIOTI, 2015.

⁶ SAFFIOTI, 2015.

portanto, a questão social mais ampla referente ao caráter das relações entre homens e mulheres e à abrangência do direito sexual masculino.⁷

Sobre isso, é necessário trazer à colação os ensinamentos de Heidi Hartmann que investiga a relação do patriarcado e do capitalismo a partir da análise da divisão sexual do trabalho, onde ela afirma que o capitalismo cresceu através da lógica patriarcal. Assim, para ela:

Los capitalistas heredaron la segregación de los empleos por sexos, pero muy a menudo han podido utilizarla en beneficio propio. Si pueden sustituir a hombres de experiencia por mujeres menos pagadas, mucho mejor; si pueden debilitar a los trabajadores amenazando con hacerlo, también les conviene; y en todo caso, se pueden utilizar esas diferencias de status para gratificar a los hombres y comprar su apoyo al capitalismo con beneficios patriarcales, también está bien [...] El capitalismo creció sobre el patriarcado.⁸

Necessário também considerarmos que as relações de gênero e o capital se correlatam de tal forma, que podemos afirmar que o contexto da luta de classes e da desigualdade só vem acentuar ainda mais a opressão dos homens sobre a mulheres, e esta opressão tende a crescer na medida que se somam a ela a raça e a sexualidade. Nossa sociedade foi feita para homens brancos e heterossexuais, o que difere disso destoa do que é considerado adequado socialmente. Portanto, uma mulher negra e lésbica sofre ainda mais violência (física, verbal, sexual, patrimonial), tornando a sua situação frente à dominação masculina ainda mais dura. Sobre a luta de classes e gênero, Saffioti afirma:

[...] as classes sociais são, desde sua gênese, um fenômeno gendrado. Por sua vez, uma série de transformações no 'gênero' é introduzida pela emergência das classes [...] Não se trata de somar racismo + gênero + classe social, mas de perceber a realidade compósita e nova que resulta desta fusão [...] Não se trata de variáveis quantitativas, mensuráveis, mas sim de determinações, de qualidades, que tornam a situação destas mulheres muito mais complexa.⁹

Enquanto perdurar a lógica do capitalismo, a igualdade das mulheres frente aos homens será um sonho distante e utópico, porque o capital tende a acentuar a lógica opressiva presente no patriarcalismo. Sobre isso, Istvan Mézáros afirma que:

Sob o domínio do capital em qualquer de suas variedades - e não apenas hoje, mas enquanto os imperativos desse sistema continuar a determinar as formas e os limites da reprodução socio metabólica - a 'igualdade de mulheres' não passa de simples falsa admissão.¹⁰

⁷ PATEMAN, Carole. **O contrato sexual**. Tradução de Marta Avancini. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993, p. 49.

⁸ HARTAMANN, 1994, p. 289-290.

⁹ SAFFIOTI, 2015, p. 115.

¹⁰ MÉZÁROS, Istvan. **Para além do capital**. Tradução de Paulo Sérgio Castanheira e Sérgio Lessa. São Paulo: Boitempo Editorial; Editora da UNICAMP, 2002, p. 301.

Então, podemos entender que homem e mulher são uma construção, sobretudo social. Esta construção social do que é ser mulher e do que é ser homem se relaciona com o sistema patriarcal, aqui entendido como um sistema de dominação masculina, com constituição e fundamentação históricas, em que o homem organiza e dirige, majoritariamente, a vida social. Importante chamar a atenção para o fato de que o capital tem profunda relação com a desigualdade de gênero, e afirmamos isso porque os abusos praticados contra a classe trabalhadora e a injustiça social veio contribuir com a questão da dominação-exploração contra a mulher.

Dito isso, não seria errado dizer que o capitalismo coordena a exploração da classe trabalhadora com fins ideológicos, e com isso se alinha aos valores do patriarcado. Assim, Heleieth Saffioti se refere ao patriarcado como o "regime atual de relações homem-mulher"¹¹ e elenca alguns motivos pelos quais o patriarcalismo continua:

- 1) Não se trata de uma relação privada, mas civil; 2) Dá direitos aos homens sobre as mulheres, praticamente sem restrição [...] 3) Configura um tipo hierárquico de relação, que invade todos os espaços da sociedade; 4) Tem uma base material; 5) Corporifica-se; 6) Representa uma estrutura de poder baseada tanto na ideologia, quanto na violência.¹²

Importante esclarecer que o patriarcado é estruturante da sociedade capitalista, ao passo que ele se sustenta nesta aparente naturalização da dominação dos homens sobre as mulheres, ao mesmo tempo em que a torna impercebível. Através disso, a sociedade patriarcal assegura aos homens o exercício da dominação masculina sobre as mulheres, já que passam a ser tidos como superiores. Essa relação dá ao homem poder para dirigir a vida da sociedade em prejuízo do feminino, o que acaba por lhe assegurar vantagens e privilégios. Sobre o patriarcado moderno, é importante dizer que:

O patriarcado moderno vigente alterou sua configuração, mas manteve as premissas do pensamento patriarcal tradicional. O pensamento patriarcal tradicional envolve as proposições que tomam o poder do pai na família como origem e modelo de todas as relações de poder e autoridade, o que parece ter vigido nas épocas da Idade Média e da modernidade até o século XVII. O discurso ideológico e político que anuncia o declínio do patriarcado, ao final do século XVII, baseia-se na ideia de que não há mais os direitos de um pai sobre as mulheres na sociedade civil. No entanto, uma vez mantido o direito natural conjugal dos homens sobre as mulheres, como se cada homem tivesse o direito natural de poder sobre a esposa, há um patriarcado moderno.¹³

Assim, por meio da citação acima, pode-se afirmar que o patriarcado moderno passou por algumas alterações e mudanças ao longo dos tempos, contudo, sempre manteve hígida a

¹¹ SAFFIOTI, 2015, p. 56.

¹² SAFFIOTI, 2015, p. 57-58.

¹³ NARVAZ, Martha Guidice; KOLLER, Sílvia Helena. Famílias e patriarcado: da prescrição normativa à subversão criativa. **Psicologia & Sociedade**, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 49-55; jan./abr. 2006, p. 50.

ideia de dominação do masculino sobre o feminino, seja através do poder do pai sobre as filhas, seja através do poder do marido sobre a esposa, o que é chamado hoje de patriarcado moderno. Portanto, o mecanismo de dominação-exploração do capitalismo se relaciona e se fortalece com o sistema de dominação-submissão presente no patriarcado. O capitalismo explora e se fortalece na classe trabalhadora e o patriarcalismo domina e anula as mulheres, sendo que nestes sistemas a mulher é vítima duas vezes, como trabalhadora e como mulher.

Dessa forma, podemos concluir com o estudo desta seção que o capitalismo se fortalece e se favorece com a dominação vivida pelas mulheres, tanto na perspectiva política e social, onde vem reforçar o papel da mulher obediente, através de um discurso conservador e machista, como por meio da resistência à inserção da mulher no mercado do trabalho, seja com salários inferiores aos dos homens, seja através da dúvida sobre a sua competência.

Nesse sentido, é preciso que cada vez mais sejam abertos espaços para estes debates, a fim de que possam se ampliar medidas e políticas públicas que propiciem uma emancipação social para todas as mulheres, e para que possamos pensar uma nova ordem social, política e econômica com respeito e equidade de gênero.

A violência contra a mulher como produto do patriarcado

A partir de agora, começaremos a estudar sobre a violência contra a mulher, porque esta violência também tem ligação com o sistema em que a sociedade está inserida. Tanto é verdade, que até pouco tempo atrás não existiam quaisquer medidas que pudessem socorrer a mulher neste sentido. A própria Lei Maria da Penha é uma conquista recente, já que é datada de 2006, assim como a tipificação do crime de feminicídio, mais recente ainda, uma vez que é de 2015.

Para darmos início ao estudo do tema da violência contra as mulheres, teremos como ponto de partida o livro de Heleieth Saffioti, “Gênero, patriarcado e violência”, já que ela trabalha de maneira bem clara e detalhada sobre essa questão. Para Saffioti, a violência contra a mulher é naturalizada pela sociedade patriarcal, que aceita de maneira normal esta opressão violenta como forma da expressão da virilidade e força masculina.¹⁴

A violência contra as mulheres vem atuar como forma de controlá-las, sujeitando-as aos desejos e vontades do homem que a tem como objeto de satisfação pessoal. Quando este homem se utiliza da força, mostra para a sociedade o quanto é forte e viril, e o quanto esta mulher é fraca e frágil. E por mais louco que isso possa parecer, a sociedade aprova, pois tal conduta já foi naturalizada. Não é à toa que as políticas de proteção às mulheres demoraram tanto para surgir.

¹⁴ SAFFIOTI, 2015.

Heleieth Saffioti vai ressaltar que as violências nunca são isoladas. Isso significa dizer que quando uma mulher sofre violência física, também sofre violência emocional e moral. A autora esclarece que independentemente da violência sofrida, ela é sempre precedida da emocional.¹⁵

A violência e a opressão vivenciada pelas mulheres no patriarcado, não ocorre somente no campo dos direitos civis, políticos, humanos, mas também na busca constante sobre o controle do corpo das mulheres, através do controle sobre seus direitos sexuais e reprodutivos. Sobre isso, Saffioti nos ensina que:

A dominação-exploração constitui um único fenômeno apresentando duas faces. Desta sorte, a base econômica do patriarcado não consiste apenas na intensa discriminação salarial das trabalhadoras, em sua segregação ocupacional e em sua marginalização de importantes papéis econômicos e político-deliberativos, mas também no controle de sua sexualidade e, por conseguinte, de sua capacidade reprodutiva.¹⁶

Para a autora Hanna Arendt, a violência está intimamente ligada ao ideal de poder, e sua definição é perfeita, já que ela trabalha com a ideia de dominação. Ela não trabalha na perspectiva de gênero, mas a sua definição também pode ser compreendida quando pensada através da lógica patriarcal. Por meio da analogia, podemos compreender que: “[...] onde um domina absolutamente, o outro está ausente. A violência aparece onde o poder está em risco, mas, deixada a seu próprio curso, conduz à desapareção do poder.”¹⁷

Esse sistema de dominação patriarcal se "reinventa, reproduz e perdura".¹⁸ Está estruturado a partir de quatro modos que o amparam, dentre eles, está a violência contra as mulheres e o controle sobre o corpo:

1) A prática da violência contra as mulheres para subjugar-las; 2) O controle sobre o corpo; 3) A manutenção das mulheres em situação de dependência econômica e 4) A manutenção, no âmbito do sistema político e práticas sociais, de interdições à participação política das mulheres.¹⁹

Importante refletirmos sobre os ensinamentos da Sílvia Camurça, uma vez que estes quatro mecanismos são facilmente identificados quando olhamos para a questão do patriarcado com mais atenção – sim, é necessária atenção, porque conforme já vimos, isto se naturaliza a tal ponto, que acaba por tornar-se quase imperceptível. Dentre estes mecanismos de que fala a autora está a questão da dependência econômica, onde muitas mulheres se sujeitam à violência por não terem uma rede de apoio e condições de sustento para si e seus filhos.

¹⁵ SAFFIOTI, 2015.

¹⁶ SAFFIOTI, 2015, p. 106.

¹⁷ ARENDT, Hanna. **Sobre a violência**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, p. 73.

¹⁸ CAMURÇA, Sílvia. **“Nós Mulheres” e nossa experiência comum**. Cadernos de Crítica Feminista, Recife, ano I, n. 0, dez. 2007, p. 20.

¹⁹ CAMURÇA, 2007, p. 20.

Portanto, não é exagero afirmar que quando uma mulher sofre violência, seja ela qual for, tem ferida e machucada a sua dignidade, além de seus direitos humanos. E toda essa lógica de violência e de opressão parte do mesmo ponto: o sistema patriarcal.

Como já foi visto na seção anterior, o patriarcado tem como fundamento a lógica da dominação e da opressão das mulheres, o que se evidencia fortemente através da violência. Isso traz inúmeros prejuízos às mulheres, que se mantêm dependentes ao sistema de opressão, sem quaisquer condições concretas de conquistar sua emancipação social, moral, política e financeira. Neste ponto, podemos afirmar que o patriarcado se baseia na dominação física e metafórica, que foi se naturalizando com o tempo e com o fortalecimento do patriarcado e do capitalismo. Sobre esse simbolismo:

A força da ordem masculina pode ser aferida pelo fato de que ela não precisa de justificação: a visão androcêntrica se impõe como neutra e não tem necessidade de se enunciar, visando sua legitimação. A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica, tendendo a ratificar a dominação masculina na qual se funda: é a divisão social do trabalho, distribuição muito restrita das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos, de seu lugar, seu momento, seus instrumentos.²⁰

Sobre a citação acima, podemos compreender que a força da ordem masculina vem de maneira simbólica e sem a necessidade de justificação. Nesse sentido, a violência ocorre em muitos aspectos: ela pode ser sexual, econômica, física, psicológica e simbólica. Assim, ela corresponde às ameaças sofridas, às agressões físicas e verbais, ao assédio, à estigmatização, ao tratamento desigual recebido pela mulher, seja no âmbito da vida familiar, seja no âmbito da vida profissional e política.

Aqui, podemos chamar a atenção para a violência cometida dentro das relações matrimoniais, já que culturalmente a sociedade não chega a entender isso como violência, ao passo que, para o senso comum, seria apenas o marido “disciplinando” sua esposa. Portanto, a violência (das mais variadas formas, inclusive verbal, patrimonial, enfim) é vista apenas como algo natural com o intuito de disciplina. Sobre isso:

Por isso, em geral, quando acusados, os agressores reconhecem apenas ‘seus excessos’ e não sua função disciplinar da qual se investem em nome de um poder e de uma lei que julgam encarnar. Geralmente quando narram seus comportamentos violentos, os maridos (ou parceiros) costumam dizer que primeiro buscam ‘avisar’, ‘conversar’ e depois, se não são obedecidos, ‘batem’. Consideram, portanto, que as atitudes e ações de suas mulheres (e por extensão,

²⁰ BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999, p. 15.

de suas filhas) estão sempre distantes do comportamento ideal do qual se julgam guardiões e precisam garantir e controlar.²¹

Para finalizar, Heleieth Saffioti ensina que o patriarcado se utiliza da violência para regular as relações sociais, visando ter poder sobre as relações de gênero, mas também sobre as questões raciais, étnicas e referentes a sexualidade, todas através do uso da violência como forma de controle social.²²

Longe de podermos esgotar a questão da violência de gênero, porque esse é um assunto inesgotável, sempre há muito o que se dizer e o que aprender sobre isso. Contudo, com base no que foi visto até aqui, não é demais dizer que o patriarcado se organiza com base na relação de dominação-submissão de homens sobre as mulheres. Portanto, assim como o título desta seção ressalta, a violência é produto do patriarcado, já que ele só vem incentivar a lógica de hierarquização do masculino sobre o feminino.

O papel da mulher na sociedade contemporânea

Nesta última parte do artigo, busca-se estudar, ainda que de maneira breve, sobre o papel da mulher na sociedade contemporânea, de modo a responder a pergunta norteadora desta pesquisa: qual o papel da mulher na sociedade contemporânea?

A sociedade passou por uma série de mudanças ao longo do tempo, e estas mudanças, de certa forma, também refletem com relação ao papel da mulher no âmbito social. É sabido que as mulheres conquistaram inúmeros direitos, principalmente através da mobilização e da luta dos movimentos sociais feministas. Contudo, há muito ainda o que melhorar quando o assunto é o protagonismo feminino, pois o patriarcado continua oprimindo as mulheres, ora de forma pública, ora de maneira velada e invisível.

Durante um bom tempo à mulher era destinado apenas o papel de coadjuvante da história, pois a ela era destinado somente o espaço doméstico, de criação dos filhos e do cuidado com a família. Essa lógica tem mudado com o passar do tempo através de muita luta e mobilização, mas ainda estamos longe de atingir o modelo ideal, que é o da equidade de gênero.

Sobre o papel da mulher na sociedade patriarcal, Saffioti vai esclarecer que são ensinados para homens e mulheres os papéis que cada um deve ocupar junto à sociedade, como se isso fosse natural e, a partir daí, se estabelecem os papéis de gênero que são ensinados

²¹ MINAYO, Maria Cecília de Souza. Laços perigosos entre machismo e violência. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 23-26, jan./mar. 2005, p. 24. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232005000100005. Acesso em: 27. abr. 2021.

²² SAFFIOTI, Heleieth. **O Poder do Macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

desde a infância, tanto pelos pais, como pela escola, igreja etc., e isso vai se perpetuando ao longo dos tempos.²³

É o que a autora Guacira Lopes Louro nos ensina sobre os papéis de homens e mulheres: “Através do aprendizado de papéis, cada um/a deveria conhecer o que é considerado adequado (e inadequado) para um homem ou para uma mulher numa determinada sociedade, e responder a essas expectativas.”²⁴

Nesse sentido, devido o ensinamento desde a infância sobre os papéis da mulher e do homem, é que vamos crescendo e nos habituando que isso é normal e natural. Por isso que se fala que a opressão causada pelo patriarcado é invisível, porque ela se torna parte da estrutura social. Assim, as mulheres vão interiorizando que foram feitas para a maternidade, para o cuidado da casa e da família, o que as coloca cada vez mais na condição da dominação masculina ensinada pelo patriarcado. Dessa forma, vamos sendo ensinados que, tanto o homem quanto a mulher, devem seguir e cumprir com os papéis sociais previamente estabelecidos. É como se fosse um código de conduta a ser seguido, dependendo o gênero:

O temperamento se desenvolve de acordo com certos estereótipos característicos de cada categoria sexual (a masculina e a feminina), baseados nas necessidades e nos valores do grupo dominante e ditados por seus membros em função do que mais apreciam em si mesmos e do que mais convém exigir de seus subordinados: a agressividade, a inteligência, a força e a eficácia, no macho; a passividade, a ignorância, a docilidade, a ‘virtude’ e a inutilidade na fêmea. Este esquema fica reforçado por um segundo fator, o papel sexual, que decreta para cada sexo um código de conduta, gestos e atitudes altamente elaborados. No terreno da atividade, para a mulher é atribuído o serviço doméstico e o cuidado com a prole, enquanto que o macho pode ver realizados seus interesses e ambições em todos os demais campos da produtividade humana. O restrito papel que se atribui à mulher tende a frear o seu progresso no nível da experiência biológica.²⁵

Buscando desconstruir essa lógica de opressão criada pelo patriarcado e reproduzida pela sociedade, é que vão surgir os movimentos feministas, que a partir de ideias feministas vão lutar para desconstruir todos os estereótipos criados em desfavor das mulheres. É também a partir dos movimentos feministas que vai começar o questionamento sobre o mundo que a sociedade e os padrões sociais impõem às mulheres. Então começa-se a (re)pensar o ser mulher e o ser homem, não mais como algo biológico, mas como uma construção social. Sobre isso:

Ninguém nasce mulher, torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o

²³ SAFFIOTI, 1987.

²⁴ LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Vozes: Petrópolis, 1997, p. 24.

²⁵ MILLET, Kate. **Política sexual**. Valencia, Espanha: Ediciones Cátedra, 1975, p. 35.



conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino.²⁶

Assim, diante de tudo o que fora visto até aqui, fica evidente o quanto a nossa sociedade contemporânea é patriarcalista. A lógica da dominação masculina sobre as mulheres fica ainda mais evidente se olharmos para os espaços públicos, para as diferenças salariais e para os constantes episódios de violência física, moral, emocional e financeira sofridos pelas mulheres. Para que essa lógica possa vir a mudar algum dia é necessário conhecimento, conscientização e políticas públicas que possibilitem à mulher se desvencilhar de toda e qualquer situação de humilhação, indignidade e violência.

Cada vez mais é necessário que haja conscientização de homens e mulheres do quanto o patriarcado é opressor, o quanto ele pode ser doloroso para homens e mulheres. Eu acredito que os homens também sofrem com a lógica patriarcal, embora as mulheres sejam as mais prejudicadas. Portanto, o que se quer é que tanto homens quanto mulheres possam ser o que quiserem ser, sem a necessidade de cumprir expectativas sociais, ou desempenhar os papéis pré-estabelecidos pelo patriarcalismo. Precisamos buscar a equidade e a liberdade, para que assim, todos possam viver em um lugar melhor.

Deste modo, é preciso aprender a considerar e a honrar as pluralidades e singularidades de cada pessoa, independente do gênero, da raça, sexualidade, porque assim poderemos construir uma sociedade cada vez mais democrática, já que a democracia também passa pelo acolhimento e aceitação destas diferenças. Sobre isso, Boaventura de Souza Santos esclarece que:

[...] temos o direito a ser iguais quando a nossa diferença nos inferioriza; e temos o direito a ser diferentes quando a nossa igualdade nos descaracteriza. Daí a necessidade de uma igualdade que reconheça as diferenças e de uma diferença que não produza, alimente ou reproduza as desigualdades.²⁷

A citação acima é de suma importância para a sociedade que queremos, uma sociedade de todos e todas. É necessário que lutemos pela igualdade quando as diferenças nos inferiorizam, mas também é necessário lutar pela diferença quando a igualdade nos deturpa. Por conseguinte, é preciso que possamos conviver de maneira respeitosa com o nosso semelhante, porque no final das contas todos e todas buscamos ter o nosso lugar na sociedade, que difere de pessoa para pessoa. Isso é individual e, sendo assim, os papéis preestabelecidos socialmente não servem para todo mundo e, por isso, é tão castrador, não havendo a possibilidade de emancipação social ocupando um lugar que não queremos ocupar.

²⁶ BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980, p. 9.

²⁷ SANTOS, Boaventura de Souza. **Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitanismo multicultural**. Introdução: para ampliar o cânone do reconhecimento, da diferença e da igualdade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 272.

Portanto, ao responder a pergunta norteadora deste ensaio teórico, com base em tudo o que fora estudado até aqui, que embora as mulheres tenham conquistado direitos muito importantes e algum espaço junto à sociedade e às instituições, ainda temos muito o que avançar. Na sociedade do patriarcado a mulher segue sendo coadjuvante de sua própria história e, embora os papéis estabelecidos socialmente de acordo com o gênero tenham mudado um pouco, a mulher segue sendo cobrada para a construção de uma família e sofrendo uma série de julgamentos e preconceitos quando escolhe diferente, seja pela vida profissional ou pela realização de seus sonhos.

Considerações finais

Chegamos ao final deste ensaio teórico com algumas considerações a serem feitas. Podemos perceber ao longo da construção desta pesquisa que o patriarcado não está presente apenas no âmbito familiar, profissional, midiático ou político, ele é mais que isso, pois faz parte da sociedade de modo geral, está presente na dinâmica social. Ele está presente na cultura, pois foi nos ensinado desde crianças o que homens e mulheres podem e não podem fazer, e isso reflete em nossas escolhas diárias. Romper com essa lógica é quase um processo de despertar, é difícil e doloroso, mas extremamente necessário, para que cada vez mais mulheres possam ser efetivamente donas de suas vidas e das suas escolhas.

é importante mencionar que as questões de gênero não estão isoladas de outras questões como as raciais e as da seara afetivo-sexual, também podemos dizer que não são as responsáveis pelo fortalecimento do capitalismo, mas, como esclarece Istvan Mészáros, elas encontram-se "emaranhadas numa rede de relacionamentos dialéticos, profundamente afetados pelas características estruturais fundamentais de todo o complexo social."²⁸

Nesse sentido, é indispensável que, para que possamos alcançar a equidade que queremos, consigamos superar a lógica do capitalismo, pois enquanto vivermos numa sociedade capitalista e patriarcal, crescerão a miséria, a desigualdade social, a exploração da classe trabalhadora e a dominação sobre as mulheres. Desse modo, não podemos conquistar a emancipação das mulheres de maneira efetiva enquanto ainda existirem forças dominantes e opressoras atuando na sociedade. Por isso, é indispensável repensarmos o sistema para que todas e todos possamos viver com dignidade e respeito.

Assim, chega-se ao final desta pesquisa com uma certa sensação de frustração, pois ainda há tanto o que avançar, tanto o que conquistar... As mulheres ainda continuam sendo julgadas pelo seu gênero, a sociedade continua "punindo" as mulheres e anuindo com a lógica do

²⁸ MÉZÁROS, 2002, p. 251.

patriarcado. É necessário retirar o véu da invisibilidade das pautas feministas, para que talvez um dia possamos, de fato, falar em emancipação feminina.

Referências

ARENDDT, Hanna. **Sobre a violência**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

CAMURÇA, Sílvia. **“Nós Mulheres” e nossa experiência comum**. Cadernos de Crítica Feminista, Recife, ano I, n. 0, dez. 2007.

FEDERICI, Silvia. **O Calibã e a Bruxa: Mulheres, Corpos e Acumulação Primitiva**. Tradução Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017.

HARTMANN, Heidi. Capitalismo, patriarcado y segregación de los empleos por sexos. *In*: BORUERIAS, Cristina; CARRASCO, Cristina; ALEMANY, Carmem (comp.). **Las mujeres y El trabajo: rupturas conceptuales**. Barcelona: Icaria: Fuhem, D.L., 1994 (economía crítica, 11).

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Vozes: Petrópolis, 1997.

MÉZÁROS, Istvan. **Para além do capital**. Tradução de Paulo Sérgio Castanheira e Sérgio Lessa. São Paulo: Boitempo Editorial; Editora da UNICAMP, 2002.

MILLET, Kate. **Política sexual**. Valencia, Espanha: Ediciones Cátedra, 1975.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Laços perigosos entre machismo e violência. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 23-26, jan./mar. 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232005000100005. Acesso em: 27. abr. 2021.

NARVAZ, Martha Guidice; KOLLER, Sílvia Helena. Famílias e patriarcado: da prescrição normativa à subversão criativa. **Psicologia & Sociedade**, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 49-55; jan./abr. 2006.

PATEMAN, Carole. **O contrato sexual**. Tradução de Marta Avancini. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, Patriarcado e Violência**. 2 ed. Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2015.

SAFFIOTI, Heleieth. **O Poder do Macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitanismo multicultural**. Introdução: para ampliar o cânone do reconhecimento, da diferença e da igualdade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.



[Recebido em: abril de 2021/
Aceito em: julho de 2021]